Dia 7 — São Paulo, Bispo e Mártir

Foi São Paulo um dos mais esclarecidos confessores da divindade de Jesus Cristo e nasceu em Tessalônica, na Macedônia, pelo princípio do século quarto. Criaram-no seus pais no santo temor de Deus; e, havendo-o dotado o mesmo Senhor de excelente engenho, de uma índole aprazível e de costumes muito inocentes, em breve tempo fez maravilhosos progressos nas letras humanas e divinas, mas singularmente na importante ciência da salvação.

Foi enviado a Constantinopla, sendo patriarca daquela cidade São Metrófanes, e desde logo se fez admirar nela seu engenho, sua eloquência e sua eminente virtude; de sorte que, admitido no corpo do clero, foi nomeado secretário do presbítero Alexandre, designado por São Metrófanes para assistir em seu nome ao célebre concílio de Niceia, e com esta ocasião é provável que estreitasse com Santo Atanásio a fina amizade que os uniu toda a vida. Nele conheceram também os arianos que tinham em nosso santo um dos mais formidáveis inimigos de sua seita, e desde então começaram a persegui-lo como tal. No ano 318 sucedeu Santo Alexandre a São Metrófanes e, conhecendo o singular mérito e a elevada virtude de Paulo, ordenou-o presbítero e encarregou-lhe o cuidado de distribuir ao povo o pão da divina palavra.

Desempenhou tão felizmente este sagrado ministério que em breve tempo mudou de semblante a cidade de Constantinopla, inficionada já de muitas heresias e desacreditada com a licença dos costumes. Pregando tanto com seus exemplos como com suas palavras, e não menos poderoso com suas virtudes que eloquente em seus discursos, fez triunfar a fé, florescer a piedade e desde então se declarou infatigável açoite do arianismo. Poucas horas antes de expirar, Santo Alexandre protestou a seu clero que não achava sujeito mais digno de sucedê-lo que o santo presbítero Paulo, cuja capacidade e virtude podiam suprir a falta dos anos, e que não deviam atender à resistência que faria, sem dúvida, sua humildade. Por mais artifícios que usaram os arianos para que a eleição recaísse em Macedônio, puderam mais os católicos, e foi Paulo eleito e consagrado na basílica da Paz com universal aplauso do clero e povo.

Tinha Macedônio tanta ambição por aquela dignidade como poucos desejos dela nosso santo, e não poupou diligência alguma para desacreditá-lo, procurando manchar sua reputação com as mais feias calúnias; mas, vendo o nenhum fruto de seus malignos esforços e que não podia sua malícia diminuir o conceito que se tinha de sua virtude e da pureza de sua fé, afetou muito arrependimento e foi lançar-se aos pés do novo bispo, que o recebeu com ternura; e, julgando-o sinceramente convertido, conferiu-lhe as ordens sagradas até elevá-lo à dignidade de sacerdote.

No meio disso, embora não tivesse fundamento nem verossimilhança a acusação, como era uma teia que haviam urdido os arianos, não a deixaram esquecer. Era como o chefe desta seita Eusébio

de Nicomédia, cuja ambição, mal satisfeita ainda com esta sé, a que ascendeu deixando a de Beirute, jogava todas as máquinas que podia mover para subir à de Constantinopla, e pareceu-lhe que, sustentando as acusações de Macedônio, teria crédito e lhe sobrariam partidários para perder o santo prelado. Sempre custaram pouco aos hereges as mais atrozes calúnias e, estando como que sitiado de eusebianos o imperador Constantino, encheram de tantas suas imparciais orelhas contra o patriarca Paulo que o desterrou ao Ponto, mas sem permitir que se passasse a eleger outro em seu lugar; e não voltou o santo de seu desterro até que, morto o imperador, saiu o famoso decreto para que se restituíssem a suas igrejas todos os bispos desterrados.

Facilmente se pode discorrer o gozo das ovelhas quando viram voltar o santo pastor. Ressoavam os gritos de regozijo por toda a cidade; e, como não tinha outros inimigos senão os que o eram da religião, todos os católicos lhe saíram a receber e o conduziram, como em triunfo, a sua cadeira patriarcal. O primeiro sermão que pregou a seu povo acendeu em todos os estados o zelo e o fervor, não acertando a admirar dignamente a mansidão, a paciência e a caridade do santo patriarca. Não ignorava os artífices das grosseiras calúnias que lhe haviam levantado; mas, imitando fielmente a Jesus Cristo, jamais se lhe ouviu alentar uma queixa, nem se descuidou numa só palavra que soasse a justificação; exemplo de moderação que fez grande impressão nos ânimos e obrou portentosas conversões.

Mas não durou muito a calma; porque à heresia nunca a desarma a virtude. Sucedeu Constâncio a seu pai Constantino; e, tendo a desgraça de deixar-se preocupar dos arianos, mal chegou a Constantinopla deu mostras de sua indignação contra São Paulo; tanto que, irritado mais e mais cada dia pelas sugestões dos eusebianos, que continuamente o cercavam, resolveu despojá-lo de sua cadeira. Mandou que se juntassem todos os bispos que se achavam na corte e, como todos estavam inficionados do arianismo, houve pouco que fazer em sustanciar a causa; e, sem ser sequer ouvido o santo patriarca, foi deposto como indigno do episcopado e colocado em seu lugar Eusébio, o mesmo que havia forjado ou manipulado as calúnias e as acusações contra ele.

Deu novo lustre a sua virtude a tranquilidade e a humilde alegria com que recebeu este novo despojo; mas, considerando-se inútil a seu povo e pouco seguro em Constantinopla, como também em todo o Oriente, onde reinava o arianismo favorecido do imperador Constâncio, retirou-se aos estados de Constante. Noticioso do benigno recebimento que este religioso príncipe havia feito a Santo Atanásio e a todos os demais bispos que havia lançado do Oriente a perseguição dos arianos, passou a buscá-lo em Tréveris e foi recebido dele com grandes mostras de estima, de veneração e de bondade, prometendo-lhe sua imperial proteção junto a seu irmão Constâncio. Era então bispo de Tréveris São Maximino, o qual, conhecendo o mérito de nosso santo, fez quanto pôde para que não experimentasse as incomodidades do desterro.

Pouco tempo depois partiu para Roma, onde se achava também Santo Atanásio e alguns outros bispos orientais dos desterrados e perseguidos. Distinguiu-o muito entre eles o papa São Júlio, cujas particulares demonstrações de carinho e de estima acreditaram o especial conceito que fazia de seu mérito e de sua virtude. Convocou um concílio em Roma, onde foi examinada a causa de muitos bispos do Oriente perseguidos e injustamente despojados pelos arianos, a todos os quais restabeleceu o papa com sua autoridade, mandando-os voltar a suas igrejas.

Facilitou a nosso santo o restituir-se à sua a morte do usurpador Eusébio, que sucedeu no ano de 341; livres já os católicos do intruso ariano, receberam pela segunda vez seu santo pastor como em novo triunfo; mas, como o partido dos arianos não se havia enterrado com Eusébio, conduzido por seus dois chefes Teógnis de Niceia e Teodoro de Heracleia, ordenou o presbítero Macedônio, que se havia feito ariano e depois se fez heresiarca. Apoderou-se da cadeira patriarcal, acompanhado dos sectários, e quis ser reconhecido por bispo de Constantinopla. Não puderam sofrer os católicos que o legítimo pastor fosse lançado de sua cadeira tão injustamente, e acenderam-se de maneira que parou a disputa em aberta sedição e numa espécie de guerra civil.

Achava-se o imperador Constâncio em Antioquia, onde recebeu a notícia da desordem; e, prevenido sempre contra nosso santo em favor dos arianos, deu ordem a Hermógenes, mestre de campo da milícia que marchava à Trácia, para que passasse por Constantinopla e lançasse Paulo da cidade. Foram tantas as violências que executou aquele oficial com pretexto de sua comissão que aumentou mais o incêndio; tanto que, irritados o clero e o povo contra ele, não bastou toda a eloquência do santo pastor para sossegá-los, nem pôde estorvar que tomassem as armas para defendê-lo. Crescendo o tumulto pela imprudência de Hermógenes, custou-lhe a vida, sem ser possível a São Paulo retirar-se. Noticioso o imperador do que se passava em Constantinopla, partiu de Antioquia com resolução de fazer exemplar castigo de todos os que resultassem cúmplices na sedição; contudo, deixou-se aplacar a rogos do senado e a nenhum tirou a vida; mas descarregou toda a cólera contra o santo patriarca, a quem tratou com a maior indecência, lançando-o da cidade.

Mas estava a dificuldade em poder sair, porque os católicos guardavam as portas dia e noite, protestando altamente que antes perderiam todos a vida do que perder seu santo bispo; mas o caritativo pastor, para que não fosse maltratado seu rebanho, à imitação de outro Paulo, dispôs que secretamente o baixassem pela muralha dentro de um cesto e, com o maior segredo que pôde, retirou-se a Tessalônica, lugar de seu nascimento. Quando se soube em Constantinopla a fuga do santo prelado, foi extrema a desolação de todo o povo; e, chegando o sucesso aos ouvidos do imperador Constante, no ano seguinte foi chamado e pela terceira vez restituído a sua igreja.

Havia consentido Constâncio nesta restituição por força e contra sua vontade, pelo que deu inteira liberdade aos arianos para que o perseguissem cruelmente, e não cabe na ponderação o que por espaço de cinco ou seis anos lhe fizeram padecer aqueles inimigos de Jesus Cristo; insultos, calúnias, injúrias, crueldades, nada perdoaram. Sendo a facção ariana a mais poderosa em Constantinopla, abrigada com a proteção do imperador, viu-se o santo exposto a mil indignos tratamentos e a contínuos perigos de vida, sem outra defesa que o amor de seu rebanho.

Havia muito tempo que os bispos perseguidos do Oriente clamavam por um concílio geral; conseguiram-no enfim, e celebrou-se em Sárdica no ano de 347. Achou-se nele Santo Atanásio; mas a São Paulo não permitiu concorrer o clero nem o povo de Constantinopla, temendo alguma emboscada de seus inimigos no caminho. Depôs o concílio a Macedônio e confirmou a São Paulo, dando solene testemunho de sua inocência.

Começava o santo patriarca a governar sua igreja com alguma paz quando morreu o imperador Constante no ano de 350, e com esta ocasião voltou a excitar-se a perseguição contra ele. Livre já

Constâncio do respeito e do medo em que o tinha seu irmão e entregue inteiramente aos arianos, mandou prender o patriarca e, carregado de cadeias, enviou-o primeiramente a Singara, na Mesopotâmia, depois a Emesa, na Síria, e enfim a Cucuso, nos desertos do monte Touro, famosa desde então pelo desterro de nosso santo e depois pelo de São João Crisóstomo.

Não é de admirar que os arianos tivessem perseguido tão cruel e tão obstinadamente a São Paulo, estando na opinião do mais ilustre e mais ardente defensor da divindade de Jesus Cristo e, por conseguinte, do mais declarado e mais mortal inimigo de sua seita. Por isso, logo que o tiveram em seu poder, determinaram desfazer-se dele e, com este fim, encerraram-no num calabouço muito estreito e muito escuro, sem dar-lhe de comer, com esperança de que a fome lhe tirasse a vida; mas, entrando a vê-lo ao cabo de seis dias e encontrando-o ainda vivo, estrangularam-no com um cordel no dia 7 de janeiro do ano 351. Assim morreu este glorioso defensor da consubstancialidade do Verbo, depois de haver sido lançado quatro vezes pelos arianos de sua cadeira patriarcal e padecido os mais bárbaros tratamentos que pôde inventar o furor dos hereges, terminando sua carreira, depois de tão esforçados combates, por um ilustre martírio no mesmo lugar de seu desterro. Deram-lhe sepultura em Cucuso, de onde pouco tempo depois foi elevado da terra seu corpo com muita honra e conduzido a Ancira, de onde no ano de 381 o grande Teodósio o fez trasladar com pompa e com solenidade a Constantinopla, conduzindo-o como em triunfo e colocando-o na igreja da Paz, que havia reedificado o ímpio Macedônio, inimigo e perseguidor de nosso santo. Assegura-se que, andando o tempo, no ano de 1226 foi levado o santo corpo a Veneza e depositado na igreja de São Lourenço, onde é honrado e venerado com tanta devoção como concurso do povo.

Martirológio Romano

Em Constantinopla, a festa de São Paulo, bispo da mesma cidade, que, lançado muitas vezes pelos arianos em ódio da fé católica e restabelecido por São Júlio, pontífice romano, foi desterrado por Constâncio, imperador ariano, a Cucuso, cidadezinha da Capadócia, onde, tendo sido cruelmente estrangulado por manejos arianos, passou a melhor vida no reino dos céus. Seu corpo foi trasladado a Constantinopla com as maiores honras, no tempo do imperador Teodósio.

No Egito, São Licarião, mártir, que, dilacerado, açoitado com varas de ferro em brasa e horrivelmente atormentado de outros diferentes modos, pôs fim a seu martírio com a espada.

No povo de São Paulião, em Velay, São Marcelino, bispo, cujo corpo é venerado em Monistrol, na igreja de seu nome.

No mesmo dia, Santa Orcina, virgem, sepultada em São Vítor do Mans.

Na Bretanha, São Meriadec, bispo de Vannes.

Em Savins, entre Provins e Sigy, São Lié, mancebo de peregrina formosura.

Em Cesareia da Palestina, o martírio de São Procópio, o primeiro dos que padeceram na Palestina durante a perseguição de Diocleciano.

Em Alexandria, Santa Potamiena, serva, virgem e mártir, cujo martírio, segundo Paládio, foi referido por Santo Antão a Santo Isidoro, o Hospitaleiro.

Entre os gregos, Santa Sebastiana.

Na diocese de Eichstätt, na Baviera, São Diegro, abade de Herrieden.

Missa (oração)

A missa é da dominga precedente, e a oração do santo é a que se segue:

> **Latim:** *Infirmitatem nostram respice, omnipotens Deus; et quia pondus propriæ actionis gravat, beati Pauli martyris tui atque pontificis intercessio gloriosa nos protegat. Per Dominum nostrum...*

Português: Atendei, ó Deus onipotente, à nossa fraqueza e, pois nos oprime o peso de nossas culpas, sustentai-nos pela intercessão de vosso bem-aventurado mártir e pontífice Paulo, mediante a de nosso Senhor Jesus Cristo, que convosco vive e reina...

Epístola

A epístola é do capítulo 8 do apóstolo São Paulo aos Romanos.

Romanos 8,35-39

> **Latim:** [35] Quis ergo nos separabit a caritate Christi ? tribulatio ? an angustia ? an fames ? an nuditas ? an periculum ? an persecutio ? an gladius ? [36] (Sicut scriptum est : Quia propter te mortificamur tota die : æstimati sumus sicut oves occisionis.) [37] Sed in his omnibus superamus propter eum qui dilexit nos. [38] Certus sum enim quia neque mors, neque vita, neque angeli, neque principatus, neque virtutes, neque instantia, neque futura, neque fortitudo, [39] neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos separare a caritate Dei, quæ est in Christo Jesu Domino nostro.

Português: [35] Quem nos separará pois do amor de Christo? será a tribulação? ou a angustia? ou a fome? ou a desnudez? ou o perigo? ou a perseguição? ou a espada? [36] (Assim como está escrito: Porque por amor de ti somos entregues á morte cada dia: somos reputados como ovelhas para o matadouro.) [37] Mas em todas estas cousas sahimos vencedores por aquelle, que nos amou. [38] Porque eu estou certo, que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem as cousas presentes, nem as futuras, nem a violencia, [39] nem a altura, nem a profundidade, nem outra creatura alguma nos poderá apartar do amor de Deos, que está em Jesu Christo Senhor nosso.

Nota

«Escreveu o Apóstolo esta carta desde Corinto aos cristãos de Roma no ano 58 de Jesus Cristo. Seu assunto é sobre as disputas que os cristãos circuncidados, zelosos sempre de suas cerimônias, suscitavam em Roma, como em outras partes, contra os gentios que abraçavam a fé e não queriam sujeitar-se ao jugo da lei antiga.»

Reflexões

Quis nos separabit a caritate Christi? Quem nos separará da caridade de Cristo? Tudo aquilo que for contra sua santa lei; tudo o que se opuser a seu espírito; tudo o que for contrário a seus preceitos; numa palavra, tudo aquilo que extingue em nós a graça e a caridade: quem nos separará do amor de Jesus Cristo? Demasiadas coisas são as que nos separam dele; uma paixão, um vil interesse, nosso amor-próprio. Disputa por largo tempo o amor de Jesus Cristo a posse de nosso coração ao amor das criaturas? Serão muito difíceis de romper as amorosas prisões que nos unem a nosso dulcíssimo Salvador? Estão muito apertados estes amorosos laços? Haverá hoje muitas almas generosas que possam desafiar as tribulações, as angústias, as perseguições, a espada, o futuro, o presente, a vida e a morte, para que provem suas forças e vejam se são capazes de desuni-las do amor de Jesus Cristo? Apaga-se ao menor sopro de vento este sagrado fogo; o amor de Jesus Cristo é quase peregrino e estrangeiro entre os cristãos; ao menos é certo que é muito raro; qualquer outro amor vai adiante do amor de Deus. Ama-se o mundo, ama-se o próprio interesse, amam-se todos a si mesmos. Por isso, tratando-se de satisfazer uma paixão, tudo se faz fácil. Por mais que sejam muito penosos os serviços que pede o mundo; por mais que suas máximas sejam muito pesadas e custosas; por mais que se o tenha por um amo duro, ingrato e rígido; tudo se engole, tudo se tolera, a tudo se sujeitam os mundanos. Por quê? Porque amam o mundo. Por mais que seja mister trabalhar, remar, suar, consumir-se, perder a saúde para fazer fortuna, nada se consulta senão a ambição; não só se sacrifica o gosto e a quietude, mas a própria vida. Cada qual se ama a si mesmo, e tudo o mais há de ceder a este amor. Mas que se faz por nosso Deus, por seu amor e por sua glória? Que se pensa fazer? Que se sacrifica? Nesses ambiciosos projetos, nessas vastas ideias, nessas empresas perigosas consulta-se a Deus? Caminha-se para elas tomando por norte as luzes da fé? Serve de regra o Evangelho a todas essas

medidas? Conta-se muito com a salvação e com a religião para o governo de toda a nossa conduta? Quem nos separará? Mas então estamos muito unidos a Jesus Cristo? Julguemo-lo por nossa tibieza, por nossa indevoção, por nossas máximas, por nossa covardia no serviço de Deus, por nosso desacato no templo, por nossa irreverência. Unidos a Jesus Cristo? Não o estamos senão a nossa sensualidade, a nossos sentidos, a nossas conveniências, a nossos inveterados costumes, dos quais não nos puderam desviar todos os amorosos, todos os solícitos afagos de Jesus Cristo: quem nos separará do amor de Jesus Cristo? Ah! que hoje se haveria de perguntar pelo contrário: que coisa será capaz de obrigar-nos a amar a Jesus Cristo, se a memória de seus benefícios, se a consideração de sua morte, se o motivo de nossa eterna salvação, se os amáveis títulos de Criador, de Redentor, de Salvador e de Pai não são bastantes para unir-nos inseparavelmente ao que é nosso soberano bem? Tivemos a desdita de estar separados do amor de Jesus Cristo durante o curso de nossa desordenada vida. Pois a morte separará um infeliz condenado deste mesmo amor por toda a eternidade. Bom Deus, que cruel, que funesta separação! Que horrível! Mas esta é a desditosa sorte de todos os que morrem em vossa desgraça.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São Mateus.

Mateus 5,43-45

> **Latim:** 43 Audistis quia dictum est : Diliges proximum tuum, et odio habebis inimicum tuum. 44 Ego autem dico vobis : diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos, et orate pro persequentibus et calumniantibus vos : 45 ut sitis filii Patris vestri, qui in cælis est : qui solem suum oriri facit super bonos et malos : et pluit super justos et injustos.

Português: 43 Tendes ouvido que foi dito: Amarás ao teu proximo, e aborrecerás a teu inimigo. 44 Mas eu vos digo: Amaí a vossos inimigos, fazei bem aos que vos tem odio: e orai pelos que vos perseguem, e calumnião: 45 para serdes filhos de vosso Pai, que está nos ceos: o qual faz nascer o seu sol sobre bons e maós: e vir chuva sobre justos e injustos.

Meditação

Da murmuração

Primeiro ponto

Considera que a murmuração é um dos pecados mais graves e, por conseguinte, cujo perdão seja talvez mais dificultoso. O amor do próximo é como a base e o fundamento de nossa religião; ao menos em parte é o sinal que caracteriza e distingue os discípulos de Jesus Cristo: *In hoc cognoscent omnes:* o sinal, diz o mesmo Salvador, por onde todos conhecerão que sois meus discípulos será se vos amardes uns aos outros: *Hoc est præceptum meum:* este é meu mandamento, que reciprocamente vos ameis, como eu vos amo a todos. Pois que pecado há mais oposto a este grande mandamento que o da murmuração ou maledicência? Não só nasce de um coração avinagrado e ulcerado, mas morde seu inimigo e o despedaça. Nenhum ladrão faz roubo mais sensível; ela tira ao homem o mais precioso, o mais estimado que tem. É a reputação um bem que não se pode alienar; é um tesouro inestimável; em rigor, ela só é nosso próprio e privativo bem. Se uma vez se perde, nenhuma coisa pode ressarcir esta perda. Pois contra este bem assesta seus tiros a murmuração. Quantos há no mundo que não têm outro! A maledicência lho furta. Compreende, se podes, a malícia deste pecado pela vingança que tomou Deus de Acab e de Jezabel porque se apoderaram tiranicamente da única vinha que tinha o pobre Nabot.

A maledicência a ninguém perdoa. Quem estará a coberto de seus tiros? O mais respeitável da Igreja e do Estado não está seguro das dentadas e das envenenadas mordeduras de uma língua murmuradora e maldizente. Que brechas não abre na justiça, na caridade e na religião! Basta uma só palavra para deixar manchada de por vida a inocência mais pura. Deu aquele pobre um desgraçado tropeço, que só soube Deus, o cúmplice de sua miséria e alguns outros poucos tão cristãos como prudentes; apagou logo com a penitência este pecado; tem-no esquecido o mesmo Deus; mas a murmuração o ressuscita. Opõe-se à misericórdia do mesmo Deus, porque eterniza e de certa maneira castiga o que ele perdoa. Escolha Deus os mais fiéis e mais zelosos ministros seus, envie seus heróis para converter os pecadores: um linguarudo faz inúteis e infrutuosos todos os seus trabalhos; frustra, por assim dizer, os mais ordinários recursos da divina Providência. Não é a maledicência a que apaga a caridade, a que rompe os mais estreitos laços, a que semeia as mais mortais discórdias, a que envenena as ações mais inocentes, a que acende os ódios mais irreconciliáveis, a que tisna a reputação mais brilhante, a que desacredita a mais sólida virtude e a que sufoca todas as prendas e todo o mérito dos sujeitos mais recomendáveis? Vício execrável aos olhos dos homens, abominável aos de Deus, peste das comunidades religiosas. Não tem a sociedade civil inimigo mais mortal. Que pecado chegará a sua fealdade, a sua negríssima malícia?

Segundo ponto

Considera que a murmuração é pecado tanto mais grave quanto de certa maneira é quase irremissível pela moral impossibilidade de ressarcir o dano que causa.

Aos pecados mais enormes pode seguir-se um arrependimento tão vivo, uma contrição tão perfeita que Deus, cujas paternais entranhas estão cheias de amor e de misericórdia com os pecadores verdadeiramente contritos, lhos perdoe todos; a todos os absolve uma confissão sincera e dolorosa; na maceração da carne e na mortificação do corpo e do espírito, unidas aos méritos de nosso Senhor Jesus Cristo, há fundos para todas as nossas dívidas, digamo-lo assim, pessoais; mas estes não alcançam para satisfazer pela detração. Detesta em boa hora com horror este teu pecado; despedaça teu coração com a mais viva dor de tê-lo cometido; confessa tua culpa com a

maior sinceridade; castiga tua língua murmuradora como merece seu delito; tudo é muito justo, tudo muito louvável, tudo é de muita importância; mas ainda te resta uma obrigação indispensável. Aquela pessoa inocente, cuja reputação tão feiamente mancharaste, em cuja honra lançaste esse negro borrão, está-te pedindo a restituição de seu crédito; e nem o próprio Deus te quer perdoar esse pecado até que repares o enorme dano que causaste a teu irmão, até que apagues e laves a mancha que estampaste em sua assentada estima. Mas isso te parece que será muito fácil?

É a reputação aquela boa opinião que os homens têm da bondade, da virtude e do mérito uns dos outros; destrói-se esta boa opinião pela detração no conceito dos que a ouvem; como poderá voltar a repará-la? É uma luz que apagou a maledicência; como se poderá voltar a acendê-la? Que arte, que indústria bastará para desimpressionar duzentas ou trezentas pessoas da má opinião em que se pôs o próximo com elas? Como se fará depor a toda uma populosa cidade o mau conceito que se lhe fez formar, especialmente à vista da inclinação natural que se tem sempre a crer tudo o que é mau? E, ainda que fosse possível que o detrator arrependido se desdissesse publicamente, restituirá à inocência, ao mérito e à virtude todo o lustre, todo aquele esplendor que lhes tirou? Por mais que se desdiga o detrator, o conceito dos demais não se muda tão facilmente. Tanta verdade é que o dano que faz o murmurador é quase irreparável e que por isso mesmo é sumamente difícil o perdão deste pecado.

Contudo, é um pecado tão comum que apenas há outro mais ordinário, nem tampouco de que menos se arrependam os homens. Murmura-se com tanta facilidade como se fala; sem este molho não tem gosto a conversação: murmura-se por chança, murmura-se por cólera, murmura-se por graça, murmura-se por costume, e falta pouco para que se pretenda murmurar por ato de religião; tão comum como tudo isto se fez a detração. É uma espécie de perseguição que o mundo tem como declarada à virtude; poucos santos se livraram dela; ela exercitou bem a paciência de São Paulo de Constantinopla. A ninguém perdoa a murmuração; mas qual será na eternidade a sorte dos murmuradores!

Deus meu, pois aquela recíproca caridade que tanto nos encomendais é um remédio tão poderoso contra a maledicência, concedei-me, Senhor, esta importantíssima virtude. Ela me abrirá os olhos para que veja minhas próprias misérias e mos fechará para que não repare nas de meus irmãos; ou ao menos selará ela meus lábios para que se calem ou não se abram senão para escusá-las.

Jaculatórias

> *Dixi: custodiam vias meas, ut non delinquam in lingua mea.* Sl 38.

Eu disse: daqui em diante porei grande cuidado em que não se deslize minha língua.

> *Verba mendacia longe fac a me.* Pr 30.

Afastai, Senhor, longe de mim toda mentira e toda murmuração.

Propósitos

1. É a murmuração um discurso injurioso e prejudicial à honra do próximo. Tudo o altera e tudo o desfigura. Ergue voluntariamente um inicuo tribunal para julgar as ações e até as intenções alheias, que com presunção e com temeridade vai indagar até no mais escondido dos corações. Nasce sempre de certa secreta inveja da virtude, do mérito, dos talentos e da estima dos outros; por isso tende a obscurecê-los, a ultrajá-los, a abatê-los, afetando desprezar aquilo que nunca podem chegar a merecer. Pode-se dizer sem exagero que a maledicência levantou-se hoje com todo o comércio do mundo; desmaia a conversação, desfalece, cansa, acaba logo se não a alegra, se não lhe dá espírito, se não a sustenta a murmuração. No meio disso, nada é mais perigoso para a salvação, nada se deve evitar mais, nada é mais digno de temer-se; uma graça, uma bufonaria, uma chufa, uma agudeza, um chiste maligno depressa se diz; mas nem a ferida que abre é tão fácil de curar, nem se pode facilmente apagar o incêndio que excita. Meu Deus, quantos e quantas se condenaram somente pela murmuração! A malícia deste pecado de sua natureza é sempre grave; o dano que causa, pouco menos que irreparável; considera se será fácil seu perdão. Foge com o maior horror deste pecado; impõe-te uma lei não só de não dizer jamais a menor coisa que ainda levemente vulnere a caridade ou manche a reputação do próximo, mas de escusar sempre as mais visíveis faltas, nunca falando de outros senão com grande estima. Se não podes dizer dele alguma coisa boa, cala-te e não digas palavra. Há corações tão malignos, gênios tão naturalmente propensos à mordacidade, que tudo envenenam; olha-os com horror, foge de seu trato e está certo de que a inclinação e o costume de murmurar é um dos sinais menos equívocos de reprovação.

2. Há muitos modos de murmurar. Murmura-se imputando falsamente algum delito a uma pessoa inocente, e então é calúnia. Murmura-se dando por certo o que somente se ouviu por uma voz vaga e duvidosa; murmura-se descobrindo uma falta verdadeira, mas secreta; murmura-se comunicando a outro o que a um se lhe confiou; murmura-se tornando público um fato que sabiam poucos; murmura-se dizendo-se em segredo a uma só pessoa, sem grave necessidade ou motivo que obrigue a fazê-lo: mesmo tratando-se de coisas públicas pode-se pecar referindo-as com exagero, acrescentando detalhes e particularidades que não se sabiam e as tornam mais feias, ou omitindo de estudo algumas circunstâncias que diminuem sua torpeza. Também se podem interpretar mal algumas ações que são honestas na aparência; e então, ora sejam com fundamento, ora sem ele, nossas suspeitas, é detração descobri-las a outro. Há murmurações faladoras e há murmurações mudas: um gesto, um risinho falso, uma meia palavra, certo tonzinho de voz, o próprio silêncio seco e mudo podem muito bem ser uma sangrenta murmuração. Não costumam ser menos amargas as que se fazem em tom de zombaria; até o baixo exercício de arremedar costuma ser espécie de maledicência. Propõe com a maior seriedade evitar cuidadosamente todos estes gêneros de murmurações e não dizer jamais coisa que possa fazer ridículo a outro, fugindo de falar até daqueles defeitos que são puramente naturais.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:01 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:01 by Admin